

Política industrial no Brasil

Enviado por Edmir Kuazaqui

10-Jan-2010

Este artigo propõe analisar brevemente o comércio exterior brasileiro em 2009, contextualizado com os resultados de nosso desempenho nas exportações, sua composição e razões. Esta breve análise estará relacionada com a política industrial brasileira, dentro de um estudo crítico sobre sua evolução e possíveis conseqüências e impactos na economia interna e internacional neste ano.

As exportações brasileiras tem aumentado gradativamente nos últimos anos, porém em descompasso com as importações bem como a média de crescimento mundial anual. Os primeiros números publicados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) apontam para 2009 um superávit comercial de US\$.25,348 bilhões de dólares. As exportações de produtos manufaturados fecharam o ano de 2009 com uma diminuição 27,3% em relação ao ano anterior, fenômeno que vem ocorrendo gradativamente decorrente de nosso parque industrial, de ausência de políticas concretas de comércio exterior bem como a alavancagem ainda da China e Índia, além de estratégias erráticas do atual governo federal. Este percentual de queda pode ser atribuída em parte à crise internacional, que afetou a base produtiva e as relações comerciais internacionais entre os países no mundo. Entretanto, é muito reducionista afirmar que ela é a responsável principal – como tem afirmado alguns representantes do governo –, uma vez que existem outros fatores bem expressivos, como a demora na recuperação da demanda interna no decorrer do ano passado bem como a sensibilidade dos produtos manufaturados brasileiros em relação à política cambial e a constante intenção de alguns articuladores brasileiros em tentar redirecionar nossos relacionamentos comerciais com economias menos desenvolvidas e desenvolvendo atritos diplomáticos com mercados que usualmente consomem produtos desta categoria, como os Estados Unidos e Europa. Em detrimento a este panorama, o mercado de *commodities* consegue ter

um bom desempenho, em decorrência de contratos de longo prazo e serem menos suscetíveis às políticas cambiais atuais, aliada ao fato de que cerca de 80% das importações chinesas provenientes do Brasil se referem as *commodities*, contribuindo inclusive para a deteriorização histórica e gradativa de nossa pauta de exportações brasileira. Um fato relevante é que comercializamos o que podemos produzir, no nível de qualidade que nossas empresas podem agregar aos produtos, independentemente do cenário internacional e das estratégias adotadas pelo governo federal bem como das empresas. Desta forma, boa parte da nossa pauta de exportações se refere a produtos básicos, onde não temos competências de produção, mas insumos e recursos que nos possibilitam vender a um custo baixo, mas custo Brasil. Tal cenário advém das características continentais de nosso país bem como de nossa política industrial.

A economia brasileira passou por um doloroso processo de ajustamento industrial no período de 1980/1997, período relacionado ao pós-crise internacional, crescimento acelerado da inflação brasileira, participação crescente das importações substitutivas e finalmente a abertura irrestrita do mercado brasileiro aos produtos importados no governo Collor. Durante o período, foram necessários ajustes contextualizados ao ambiente competitivo no mercado doméstico e principalmente internacional, envolvendo inicialmente o nível corporativo e organizacional, com otimização de custos, contenção de despesas e racionalização dos métodos produtivos, objetivando custos menores, sinergia, economia de escala, maior produtividade, qualidade de produtos e menor necessidade de capitais de terceiros, principalmente adequando o fluxo de caixa. Procurou-se adotar durante todo esse processo de ajustamento uma política de convergência internacional para uma outra, relacionada ao *share* industrial agregado, denotando uma estrutura industrial com forte heterogeneidade intersetorial, significando num primeiro momento numa tentativa de adaptabilidade do modelo brasileiro ao padrão internacional e, posteriormente, a uma interdisciplinaridade e complementariedade produtiva. Entretanto, políticas devem estar contextualizadas com propostas e ações. O desempenho industrial brasileiro

mostrou nos últimos anos, uma certa capacidade reativa e não propriamente pró-ativa do setor produtivo privado frente às constantes transformações e mudanças econômicas internacionais. Na área pública, entretanto, faltam os históricos investimentos que deveriam acompanhar a tentativa de crescimento, bem como uma política industrial que possibilite um incremento de tecnologia e desenvolvimento sustentado. Falta capacidade das estradas, ferrovias e portos, mão-de-obra qualificada, tecnologia de ponta e recursos para que a convergência para uma forte heterogeneidade intersetorial aconteça de fato e traga como conseqüências uma expansão econômica interna e externa. Além disso, a reforma tributária e a correta aplicação dos impostos recolhidos são de suma importância para que a expansão ocorra naturalmente.

Fazendo um comparativo com a demanda do mercado chinês (já que fazemos parte com o país do BRIC), o porto de *Yangshan*, em Xangai, é o segundo maior porto em volume de mercadorias no mundo e está passando por uma reestruturação que possibilitará ser o maior ponto de entrada e saída de mercadorias do mundo, dentro de um contexto de crescimento econômico da China. Este fato, conseqüência da mudança e transformação econômica, nos indica a necessidade de investimentos maciços que possibilitem o aumento da produtividade e competitividade industrial das empresas brasileiras bem como a idéia de que a decisão de ter a China como um dos principais parceiros comerciais não é uma das melhores opções estratégicas de longo prazo para as empresas brasileiras. Em tese, o mercado chinês possui uma estrutura industrial em transformação, com uma indústria em pleno emprego no sentido de atender as demandas internacionais e internas. Com um câmbio pseudo-desvalorizado, a China se recuperou facilmente da crise internacional e tem novamente se despontado com o principal país influenciador do comércio internacional e possivelmente revertendo a relação importação-exportação ainda nesta década.

No Brasil, números recentes publicados pelo NUCI (Nível de Uso da Capacidade da Indústria) indicam para este ano uma média do uso da capacidade instalada da

indústria em geral por volta de 83,8% e uma intenção do empresariado em aumentar a capacidade de produção em setores relacionados a cadeia de valores da indústria automobilística (o que parece ser um padrão de comportamento mundial), eletrônicos e eletrodomésticos. Os investimentos em bens de consumo parece uma decisão acertada, levando-se em consideração o alto valor agregado e o provável aquecimento do consumo interno. Entretanto, para confirmar e concluir a análise deste artigo, propostas devem ser relacionadas com ações que contribuam para a cadeia de eventos. Com a sucessiva diminuição de nossas exportações de manufaturados, inclusive com a decisão de diminuir a dependência de nossa pauta de exportações ao mercado norte-americano, torna-se difícil a sustentabilidade das propostas, havendo mais uma vez uma falta de coerência na política industrial e que influencia todo o comércio exterior brasileiro.

www.academiadetalentos.com.br